

Rebeldes russos acuum Putin, mas se retiram após acordo

A MAIOR AMEAÇA A PUTIN Mercenários rebeldes chegam a 200km de Moscou antes de acordo pôr fim a motim



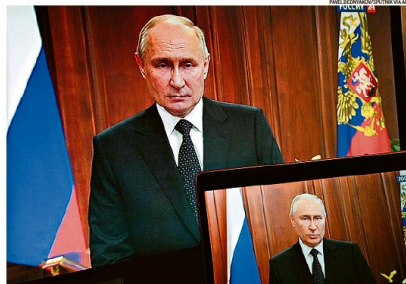
Aminotados. Mercenários do Grupo Wagner são observados sobre um tanque por moradores de Rostov após ocuparem a cidade, sede do Comando Sul da Rússia. Moscou foi posta sob regime de operação antiterror diante do avanço rebelde

Em meio ao maior desafio à autoridade do presidente Vladimir Putin desde que ele chegou ao poder, em 31 de dezembro de 1999, uma coluna de mercenários rebeldes do grupo paramilitar Wagner — até pouco tempo atrás um importante aliado do Kremlin na invasão da Ucrânia — dirigiu rapidamente a Moscou ontem após a deflagração de um motim por seu líder, Yevgeny Prigojin, contra o alto comando das Forças Armadas russas na noite de sexta-feira. Os rebeldes foram vistos a 350km de Moscou antes de Prigojin dar a ordem de meia-volta, em um acordo mediado pelo presidente da Bielorrússia e aliado de Putin, Alexander Lukashenko — o chefe mercenário alegou que seus soldados retornaram quando estavam a apenas 200km da capital russa e disse ter tomado a decisão para evitar "um banho de sangue".

AMEAÇA MORTAL! Durante o avanço, combates foram registrados na região de Pavlovsk, onde helicópteros foram usados, e mais adiante em Voronej, cerca de 600km ao sul da capital. Não foi identificado o tamanho da coluna rebelde, mas o governo decretou um "regime de operação antiterrorista" na região de Moscou e reforçou as defesas no sul da cidade. Relatos da imprensa indicaram que os vozes saindo de Moscou partiram lotados para vários destinos. A defesa foi reforçada ao sul, com posicionamento de blindados e metralhadora no ponto onde a rodovia M4, percorrida pelos rebeldes, chega à cidade. O jornal ucraniano The Kyiv Post relatou que trincheiras foram cavadas na área. Por sua vez, a Praça Vermelha, onde fica o Kremlin, centro do poder na Rússia, foi fechada por policiais. Na sexta-feira, a xix entre os chefes militares da Rússia e o

líder do grupo de mercenários, que se arrasta há meses, ganhou grandes proporções. Prigojin vinha acusando o comando das forças russas de não entregar munição suficiente para seus homens na Ucrânia, e anteriormente disse que o Exército russo bombardeou suas bases próximas à linha de frente. Em resposta, ele convocou uma "rebelião armada" contra os chefes do Exército, levando autoridades a abrirem uma investigação. Em pronunciamento pela TV, Putin disse ontem que o levante militar — que ele classificou como "abalação da ordem" — era uma "punhalada pelas costas" e acusou Prigojin de "trair" o país por suas "ambições pessoais". O presidente russo prometeu punir quem trair as Forças Armadas, destacou que a rebelião era uma "ameaça mortal" para o Estado russo e clamou pela unidade do país, afirmando que não permitirá uma "guerra civil" no território nacional. Rumores que se espalharam pelas redes sociais, e foram desmentidos pelo Kremlin, indicaram que ele tinha deixado Moscou diante da aproximação das tropas mercenárias. — É uma punhalada pelas costas em nosso país e nosso povo — declarou Putin, que não viu a contestação aberta à sua autoridade se espalhar. — Estamos enfrentando exatamente uma traição. Uma traição causada pela ambição desmedida e pelos interesses pessoais de Prigojin.

SOMOS PATRIOTAS! Mais tarde, o chefe do grupo paramilitar respondeu ao presidente em um vídeo, dizendo que Putin está "muito equivocado" ao acusar os combatentes do Wagner de "traição". Foi a primeira vez que Prigojin atacou diretamente o Kremlin. Suas desavenças com o comando militar sempre apontaram o presidente de críticas, mantendo o foco em generais, e



Aquiada. O presidente Putin faz um pronunciamento na TV sobre a rebelião: "punhalada pelas costas", acusou ele



de onde são dirigidas as operações russas na Ucrânia. Estratégica, Rostov fica a cerca de 1.100km ao sul de Moscou. De lá, as forças do Wagner se dirigiram para o norte rumo à capital pela Rodovia M4. No fim da noite, foi anunciado o acordo mediado por Lukashenko. Antes do anúncio de Prigojin, o presidente bielorrusso, com quem Putin conversara pela manhã, afirmou que havia negociado com o líder paramilitar e que ele aceitara a proposta de "parar os movimentos" de seus homens e evitar uma nova escalada. — Agora é a hora em que o sangue pode correr. É por isso que nossas colunas dão meia-volta e voltam na direção oposta para retornar aos acampamentos — disse Prigojin em um áudio divulgado na rede Telegram. Pelo acordo, o Kremlin garante a segurança dos integrantes do Grupo Wagner que participaram da rebelião, que não enfrentarão ação penal em reconhecimento pelos serviços prestados ao país. Além disso, os mercenários que ficaram de fora da revolta receberão

contratos e serão incorporados às Forças Armadas russas. Prigojin, por sua vez, se transferirá para a Bielorrússia, informou porta-voz do Kremlin, Dmitry Peskov, e o processo criminal contra ele, que poderia acarretar pena de até 20 anos de prisão, será arquivado. Embora um desfecho para a crise pareça distante, o cenário que se apresenta é muito diferente do indicado por Putin e por outras autoridades russas no começo da manhã, quando prometiam punição severa aos amotinados. Em Rostov, dezenas de pessoas aplaudiram os soldados do Wagner ao deixarem a cidade. No exterior, os governos acompanharam com preocupação os acontecimentos na Rússia. O presidente dos EUA, Joe Biden, conversou por telefone com o chefe de Estado francês, Emmanuel Macron, o chanceler alemão, Olaf Scholz, e o premier britânico, Rishi Sunak.

MOSCÚVA ENTE OCEIDENTE O secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, disse que conversou com os chanceleres do G7 e com o alto representante da UE para relações exteriores sobre o tema. "Os Estados Unidos permanecerão em estreita coordenação com aliados e parceiros à medida que a situação continua a se desenvolver", escreveu Blinken nas redes sociais. Já o presidente do Conselho Europeu, Charles Michel, disse que a rebelião "é um problema interno da Rússia" e reiterou o apoio do bloco à Ucrânia. Por sua vez, a Rússia advertiu as potências ocidentais contra qualquer tentativa de "aproveitar" a rebelião para promover uma agenda antirussa e assegurou que o movimento não impedirá que Moscou "alcance seus objetivos" na Ucrânia, segundo um comunicado da Chancelaria.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Mundo Pagina: 22